



NARRATIVA DE ALTERIDADES: “FAZERESSABERES” MIGRATÓRIOS NOS CURRÍCULOS

MARCELO FERREIRA MACHADO*, MARIA DO CARMO DE MORAES M. RODRIGUES**,
NOALE TOJA***

Resumo: O planeta encontra-se hoje na maior crise humanitária registrada pela História e uma grande parte da população mundial encontra-se em deslocamento por razões extremas, em busca da sobrevivência. Moreira nos alerta para o fato da mobilidade humana ser um fenômeno mundial e de grandes dimensões. Com Alves, abordamos o tema no contexto das redes educativas, pois é um caminho para conhecermos sobre o assunto e desmistificarmos preconceitos. Para isso, Bobbio nos alerta que o preconceito é uma opinião errônea. Com Deleuze pensamos o cinema como artefato cultural potente nas conversas com estudantes e com o intuito de sensibilizá-los para um fato que muitas vezes faz parte da história familiar de cada um de nós. E com Dubois, trazemos o vídeo como um dispositivo de questionamento na tensão imagem-arte provocando nos expectadores o sentimento de alteridade.

Palavras-chave: Refugiados. Redes Educativas. Cotidianos. *Fazeressaberes*. Cinema.

Narratives of alterity: 'Knowledgedoings' migrations in curriculums

Abstract: The planet is today in the largest humanitarian crisis recorded by history and a large part of the world's population is in displacement for extreme reasons, in search of survival. Moreira alerts us to the fact that human mobility is a global phenomenon and of great dimensions. With Alves, we approach the topic in the context of the educational networks, because it is a way to know about the subject and to demystify prejudices. For that, Bobbio warns us that prejudice is an erroneous opinion. With Deleuze we think of cinema as a potent cultural artifact in conversations with students and in order to awareness them to a fact that is often part of the family history of each of us. And with Dubois, we bring the video as a device of questioning in the image-art tension provoking in the spectators the feeling of alterity.

Keywords: Refugees. Educational networks. The daily ones. *Knowledgedoings*. Movie.

*Marcelo Ferreira Machado – Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Processos Formativos e Desigualdade Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). Professor de Geografia na Rede Estadual e particular de Ensino do Rio de Janeiro. Email: mar_chado@hotmail.com.

**Maria do Carmo de Moraes Mata Rodrigues – Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Professora tutora no curso de Licenciatura em Pedagogia no consórcio Cederj/UERJ. Email.: mariamoraiss@yahoo.com.br.

***Noale Toja - Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) É coordenadora do projeto Oi

REFUGIADOS OU MIGRANTES?

É muito comum, nos tantos cotidianos em que vivemos, tecermos ‘conversas’¹ sobre as diferenças entre refugiados e migrantes, tentando entender quais são as motivações ou particularidades que distinguem aqueles que decidiram/precisaram se mover na Terra. Nos mais variados ‘*espaçostempos*’² observamos conversas acerca de notícias de refugiados da Síria, da Venezuela e de outros lugares que se estendem de diferentes ‘*conhecimentossignificações*’ às perspectivas futuras possíveis para esses indivíduos em movimento.

Os livros e as aulas de geografia *nos/dos/com* os cotidianos escolares estão repletos de ideias sobre os migrantes/refugiados. De modo muito geral podemos dividir essas ideias em dois grandes blocos, sabendo que isto é uma grande simplificação de uma séria questão social que vem nos envolvendo: o termo migrante se refere a toda pessoa que muda seu lugar de residência para outro por um tempo indeterminado. Essa busca geralmente é motivada por razões sociais, principalmente em busca de emprego. Ao refugiado é atribuído um conceito que está associado ao verbo refugiar (fugir, abrigar-se, escapar). O termo é usado com referência ao indivíduo que, devido a uma perseguição política, religiosa, ocasião de guerras, catástrofes ambientais ou ainda, uma situação outra na qual sua vida esteja em risco, ele se vê obrigado a solicitar refúgio em país estrangeiro.

Os seres humanos desde sempre migraram por vontade própria ou de forma obrigatória. Desde as transumâncias iniciais, grupos humanos se movimentavam por questões climáticas - temperaturas que variavam durante o ano, em regiões temperadas e frias; falta ou presença de água, nas regiões tropicais. Guerras locais também levaram a grandes movimentações. A busca econômica de mercadorias diversas aparece, com grande expressão, na Modernidade. Crises econômicas, como a falta de emprego que trazem grandes movimentações populacionais. No entanto, no presente, um número enorme de pessoas se move no planeta porque essas situações todas estão se somando.³ É por isto que Moreira (2017) nos diz que

A atual mobilidade humana no planeta atinge dimensões impressionantes e traz consequências absolutamente novas para os povos e ecossistemas do planeta. Ela está nada menos do que reconfigurando a humanidade. Basta mencionar os processos culturais de desenraizamento e deslocamento, de crises econômicas e identitárias; os conflitos étnicos, culturais e religiosos; as hibridizações, as fusões e os sincretismos; a exportação de gostos, costumes, valores e mercadorias; a profunda transformação na percepção de espaço e tempo; as mudanças na percepção de si, do outro e do mundo (p. 8).

Importante ressaltar que a maioria dos migrantes no mundo hoje, ou seja, 84%, foram acolhidos por países em desenvolvimento sendo a Turquia o país com o maior número: um milhão e novecentos mil refugiados. Em seguida, o Líbano com um milhão e cem mil refugiados e depois Jordânia, Iraque, Irã, Uganda e Etiópia, países esses de grande pobreza.

Entendemos assim que migração é o movimento dos seres humanos nos mais variados espaços, pelos mais variados motivos e desde que o mundo é mundo. Foram criados alguns adjetivos para esse termo tão discutido no contemporâneo: pendular, sazonal, temporária, definitiva, espontânea e forçada. Compreendemos o processo migratório como um fluxo natural, muitas vezes de perspectiva individual, que passa pela realização de sonhos, aspirações de uma vida melhor, um novo emprego, aprender uma língua ou uma cultura diferente. E outras vezes são situações mais ásperas, criando fluxos ainda maiores: como o caso de secas, estagnação socioeconômica, falta de oportunidades de emprego e outros. Os motivos são múltiplos, o caso mais comum no Brasil foi o êxodo rural das décadas de 1950/1960 do nordeste para o eixo Rio-SP.

Virilio (2009) aponta dados e informações que são relevantes para entendermos melhor esses processos migratórios atuais:

Últimas notícias. Em 2008, trinta e seis milhões de pessoas foram deslocados de seu lugar de origem, por razões climáticas, catástrofes naturais, conflitos. Um bilhão de pessoas estão previstas para os próximos cinquenta anos. Um bilhão de pessoas que vão se movimentar. Toda a situação do mundo vai ser perturbada. Perturbada pela crise de localização. As sociedades antigas estavam inscritas em um território, a terra natal. Hoje, elas estão à deriva por razão de deslocalização do emprego, por causa de conflitos que não acabam nunca. E, também, evidentemente, pela grande questão climática: o desaparecimento de arquipélagos, a submersão de litorais. É toda a história que se coloca a andar. É toda a história que se joga na estrada. Um bilhão de pessoas que se movem em meio século, nunca existiu antes (VIRILIO, 2009, p. 7 apud ALVES, 2017, p. 3).

Observamos assim que a migração forçada é o conceito que mais se aproxima daqueles que especificamente queremos tratar nesse artigo, os refugiados. O termo ganha destaque nas mídias e se torna corriqueiro em diferentes *'espaçotempos'* como nas residências, nas universidades, nas escolas e, especialmente, nos discursos políticos. Existe uma crescente necessidade de criação de políticas públicas que regulamentem, acolham, criem currículos, para atender essa demanda ainda só *'conversada'*, mas de presença crescente.

Para Milesi (2003) os refugiados são tão antigos quanto a humanidade, no entanto, foram muitas vezes *'esquecidos'* nos relatos e nunca soubemos de fato quais foram as movimentações e os impactos em sua vida cotidiana, assim, em texto com Marinucci, afirmam que:

sabemos a existência de guerras, conflitos, imperialismo, colonialismo, perseguições políticas e religiosas, que perpassam a caminhada histórica de todos os povos. Infelizmente, as informações nem sempre se referiam às consequências que tais acontecimentos causaram a vida cotidiana das pessoas. Mesmo assim, sabemos que houve refugiados e deslocados em todas as épocas da história da humanidade. (MARINUCCI; MILESE, 2003, p. 13).

Na contemporaneidade os refugiados são assuntos principais, são milhões, são cultura viva em movimento, são atores da história. Diferentes dos migrantes, os refugiados se deslocam por razões extremas. A movimentação é, na maioria das vezes, uma decisão momentânea e não um projeto de vida. Existe uma latente necessidade de fugir, de sobreviver e nem que seja preciso passar por situações de perigo, como os refugiados do norte da África que atravessam o mar Mediterrâneo em botes, famílias inteiras que andam pelo Oriente Médio e pela Europa buscando uma nova oportunidade de viver, grupos enormes que estacionam em *'campos de refugiados'* sem condições básicas esperando soluções que demoram a aparecer ou que, simplesmente, não aparecem.

O processo de desterritorialização submete as pessoas a deixarem seus territórios, pertences, *'conhecimentossignificações'* que dominam e culturas, tracejando linhas de fuga, buscando brechas, saídas, para um outro viver. Ao se desterritorializar pensando na perspectiva geográfica, as pessoas saem de seus lares, seus campos de acomodação, para criar outros modos de sobrevivência, com adaptações culturais, sociais e psicológicas necessárias.

Para Deleuze e Guattari (1997), esse movimento de desterritorialização é a capacidade de criação de outra existência, no sentido de evidenciar as potências que estão fragilizadas, ou estagnadas pela territorialização, que mantém padrões ou condicionamentos. Nesse sentido, desterritorializar, transcende ao movimento de saída de um território para a ocupação de outro *'espaçotempo'*. Este será inventado com suas memórias, e mais que isso, com o despertar de outras capacidades e possibilidades de reexistência. Assim, os mares, oceanos, matas, não são

limites ou obstáculos, eles fazem parte do território a ser deixado ou a ser conquistado, como plano de imanência, um plano de pensamento sobre seu modo de viver que será tecido numa rede de relações independentes, de diferentes grupos ou organizações, com uma liberdade e mobilidade, que muitas vezes o sistema político engessa, controla e dificulta as saídas. Assim Deleuze e Guattari (1997) nos ajudam a pensar esta questão, dizendo:

Vimos, todavia, que a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização *in loco*, pelo qual ultrapassa todo território: ela é desterritorializante e desterritorializada. Ela se confunde com o movimento daqueles que em massa deixam seu território. [...] Os movimentos de desterritorialização não são separáveis; os territórios que se abrem sobre um alhures e os processos de reterritorialização não são separados da terra que restitui territórios. (Deleuze; Guattari, p.113) [...] A desterritorialização de um tal plano não exclui uma reterritorialização, mas a afirma como a criação de uma nova terra está por vir. (DELEUZE; GUATTARI, p.117).

Leonardo Ruge e Ninibe Forero (2017), migrantes colombianos e artistas plásticos, descrevem o movimento de seu país, dizendo:

Essas decisões de se deixar o país deveriam ser tomadas com calma, com tempo, considerando que elas são uma mudança radical na vida...quando você é visto como ativista de um grupo de extrema esquerda ou extrema direita, as decisões são tomadas rapidamente na Colômbia...Saímos em nosso pequeno, mas corajoso, automóvel que suportou uma viagem de mais de 10 mil km com cinco pessoas e a bagagem que nós embalamos às pressas.(p. 21)

O grande desafio da nossa sociedade é conseguir criar um modo mais igualitário. Para Milton Santos esse movimento é necessário porque “o acontecer próprio a um lugar não é indiferente ao acontecer próprio a um outro lugar, exatamente pelo fato de que qualquer que seja o acontecer é um produto do movimento da sociedade total”. No entanto, as relações tão desiguais entre os países eclodem em consequências tão desumanas, destroem cidades inteiras, causam rupturas familiares e precisamos conversar acerca disso. É vital para a humanidade, para as relações sociais estabelecer conversas sobre nosso destino comum.

Compreendemos assim que os refugiados não deixam de ser migrantes (verdade que possuem algumas particularidades), mas ambos fazem parte de um grupo de indivíduos que se movimentam nos diferentes ‘*espaçostempos*’, carregando suas histórias, suas formações, sua lembranças, suas vivências, suas culturas. São impactados e impactam os cotidianos de diversas pessoas nos movimentos que realizam.

Acreditamos que precisamos de políticas que garantam sua cidadania em novos territórios e mais do que isso, precisamos propiciar à sociedade uma forma de se colocar no lugar do outro criando situações de empatia. Nesse contexto, é importante criarmos um movimento de rede de sensibilização e acolhimento do outro, que se encontra dilacerado e que chega a um país estrangeiro para uma nova vida, desconhecendo a vida, a cultura, a alimentação com que vai viver. Esse acolhimento nos fará refletir sobre quem é esse outro que chega e ao passo que conheçamos e convivamos com essas narrativas passaremos a ter um entendimento de quem são esses estrangeiros e assim, desconstruiremos preconceitos e minimizaremos a xenofobia⁴ ‘*dentrofora*’ das escolas, universidades, empresas, dos lugares que circulam. Para Bobbio (2002):

O preconceito é uma opinião errônea, no entanto, trata-se de um erro mais tenaz e perigoso do que qualquer outro, pois é um erro que corresponde a sentimentos e interesses de um grupo em relação a outro. Assim, o preconceito é uma predisposição em creditar como verdade

algo que é um interesse ou um sentimento irrefletido. (BOBBIO, 2002, p. 103 *apud* ANDRADE, 2006, p. 99).

O cinema e as múltiplas possibilidades de se ‘fazerpensar’ os processos da migração – o caso de ‘Cinemas, Aspirinas e Urubus’



Imagem 1: Cartaz de divulgação⁵

Para Deleuze, cinema e realidade não são duas instâncias distintas. O cinema é descrito como “uma possibilidade, uma potência do real” (GUERÓN, 2011, p. 13), ou como “fabulações, uma potência do falso” (GONÇALVES, HEAD, 2009). Gomes (2008) acredita que existe um pensamento muito positivista de que filmes são as *janelas da realidade*, sendo ‘reprodutores da realidade’. No entanto, para Deleuze e o próprio Gomes isso seria impossível, já que o real é incriável, ele apenas existe. Assim, existe uma segunda perspectiva de Gomes (2008) de que a imagem no cinema não copia a realidade, o cinema cria realidades próprias, coerentes em sua própria estrutura narrativa. Significando que filmes criam suas próprias linguagens, sistemas e quadros próprios no qual são embutidos contextos específicos de ‘*espaçostempos*’ e grupos sociais. Na perspectiva do pensamento em torno da Potência do Falso, ideia cara a Deleuze, as narrativas funcionam sempre como fabulações. Esses diversos autores entendem que as imagens criadas vão além da ideia de uma representação/apresentação, ampliando sua forma para imaginação. É por isto que Gonçalves e Head (2009, p. 17) afirmam: “em vez de criarem um possível realismo, abrem caminhos para fabulação, para a ficção como formas de aceder a um conhecimento.” Ou seja, a capacidade imaginativa, coloca a nós, que produzimos imagens ou textos, a criar fabulações e narrativas acerca de qualquer situação. Somos, sempre, muito mais do que simples consumidores de imagens e textos, já que as usamos – no sentido que a esta palavra dá Certeau (2014) – e com isto, movimentamos processos criativos de toda ordem, sobre nós mesmos e os outros, com que compartilhamos os ‘*espaçostempos*’ cotidianos.

Assim, temos trabalhado com a ideia de que o cinema é criador de um universo próprio acerca de uma circunstância e o meio em que se produziu. A partir dessa ideia, de que existem interferências na criação das obras fílmicas e da dificuldade de representação do real, analisamos as obras cinematográficas entendendo que precisam ser considerados os ‘*espaçostempos*’ de sua criação.

Nessa perspectiva, trouxemos para a ‘conversa’, neste artigo, o filme brasileiro ‘Cinemas, aspiras e urubus’, com direção de Marcelo Gomes, lançado em 2004, e que nos permitirá trabalhar com os movimentos de migrantes e refugiados.

Na pesquisa com a qual estamos envolvidos⁶, à medida que ‘*vimosouvimos*’ um filme deixamos que ele nos interogue – com suas imagens, sons, narrativas – e acerca deles conversamos entre nós e com os docentes e discentes que participam da pesquisa. Deste modo, entendemos que temos todos esses elementos do filme como “personagens conceituais”. Essa

ideia se desenvolve no campo das pesquisas com os cotidianos, a partir de uma ideia que encontramos em Deleuze e Guattari (1992). Trabalhando com esta ideia Alves (2012) nos explica:

os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com que se ‘conversa’ e que permanece presente muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos e a compreensão de significações nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva, para que novos conhecimentos apareçam, para que lógicas se estabeleçam. (ALVES, p. 12-13).

Entendemos que a tessitura das conversas provocadas pelas narrativas sustentadas por imagens e sons nos filmes, trazem possibilidades de criações múltiplas a partir das relações diversas entre o que foi ‘vistoouvido’ e as experiências individuais e coletivas dos que participam dos processos da pesquisa, na busca de um pensamento partilhado, fazendo surgir ‘conhecimentossignificações’ novos. Acreditamos que a partir desse artefato cultural e tecnológico seja possível ‘sentirverouvir’ as tantas experiências vividas nos diversos cotidianos escolares e como neles se criam processos curriculares acerca da questão estudada.

Na pesquisa trabalhamos com a ideia de que nos cotidianos formamos inúmeras redes educativas e com elas nos formamos. Essas redes se relacionam entre si e permitem compreender melhor certas questões dos processos curriculares existentes. As redes educativas que entendemos serem de ‘*espaçotempos*’ de ‘*prácticasteorias*’ são assim enunciadas: a da formação acadêmico-escolar; a das ações pedagógicas cotidianas; a das políticas de governo; a das ações coletivas dos movimentos sociais; a de criação e “uso” das artes; a das pesquisas em educação; a de produção e ‘usos’ de mídias; a das vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas.

O projeto se desenvolve com a realização de cineclubes pelo grupo de pesquisa, junto a docentes em exercício e em formação⁷. Conversar com os filmes – com seus elementos componentes – e acerca deles com os ‘*praticantespensantes*’ de cotidianos escolares assumindo-os como “personagens conceituais” é convocar narrativas nas quais diversos modos de ‘*verouvir*’, ‘*praticarpensar*’ currículos, de sentir o mundo e os outros que nos fazem compreender modos re-existir nas condições de migrantes.

Nos cineclubes, assistimos vários filmes em torno do tema que pesquisamos, buscando melhor compreender como se inserem no ‘*fazerpensar*’ nas/das/com as escolas. Para este texto, no entanto, trazemos um único desses filmes: “Cinemas, aspirinas e urubus”. A narrativa do filme se passa no sertão nordestino em 1942. Traz a história de um alemão que vem para o Brasil fugindo da situação na qual a Alemanha se encontrava, de desemprego e de iniciadora do que ficou conhecido como a Segunda Guerra Mundial. Trabalha como representante da Aspirina da Bayer no Brasil e monta uma estrutura ambulante, feita com um caminhão e artefatos que permitiam a projeção de pequenos filmes - documentários que mostravam a aspirina como excelente medicamento para uma série de doenças. Ele corta o sertão, visitando pequenas cidades do interior do Brasil, passando esses filmes à noite e vendendo seu produto.

O personagem alemão é apresentado como boa gente, que adora aquela condição de suposta liberdade, com todos os percalços de estar em terra estrangeira. Para suprir sua solidão, numa de suas andanças ele oferece carona para um sertanejo que quer fugir para São Paulo em busca de uma vida melhor, sem a miséria econômica da região. No transcorrer do filme e nos inúmeros acontecimentos cotidianos porque passam juntos – de necessidade de comida à picada de cobra – os dois se tornam amigos, em situações que mostram suas qualidades um ao outro, a partir de questionamentos de valores singulares de cada um.

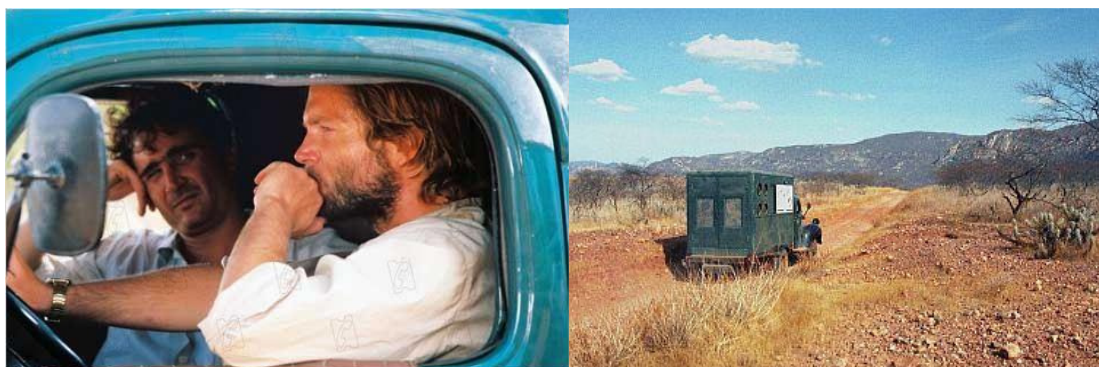


Imagem 2 e 3: Cenas do filme Cinema, aspirinas e urubus: os personagens principais e o caminhão.

Por ser tratar da história de migrantes, o filme revela os contrastes e astúcias que cada um dos personagens estabelece na convivência com os outros – pessoas e objetos – como artefatos e as bricolagens (CERTEAU, 2014) possíveis a partir das várias culturas que estão em convivência. Os contatos, no entanto, pela extrema pobreza – lembremo-nos: trata-se do sertão nordestino – estão sempre marcados pela necessidade de sobrevivência. O que é negociado, o é sempre, considerando essa questão. Desse modo, o jovem nordestino, com a linguagem própria, busca saídas para a situação de opressão da seca, na sua longa ida para S. Paulo e, misturada à linguagem do jovem alemão, vendedor de aspirinas e fugindo da guerra, juntos, criam no filme táticas (CERTEAU, 2014) que lhes permitem sobreviver juntos.

A montagem da tela – um lençol – em praças, transforma-se, sempre, em um acontecimento, de cidade em cidade, com a ajuda do breu das cidades do interior naquela época. Os pequenos filmes projetados mostram as ‘maravilhas do Brasil’, com foco na grande São Paulo (o que encanta o nordestino com este sonho). Mostra ainda, as mazelas cotidianas, exibindo pessoas que usam a pílula em busca do *Fim para Todos os Males*, slogan de vendas da aspirina. Ao término do curta-metragem, uma fila de pessoas é formada junto ao caminhão para comprar cartelas e mais cartelas desse medicamento.



Imagem 4 e 5: Outra foto do caminhão que carregava e uma cena da sessão noturna sendo armada pela equipe técnica.

Cinema, aspirinas e urubus, permite transitarmos por ‘*espaçotempos*’ distintos, dilatados, imbricados, comprimidos (DELEUZE, 2008), quando nos traz dois conflitos de distintas dimensões referentes à existência que levam os personagens à fuga de múltiplos ‘*espaçotempos*’ – da Alemanha ao sertão nordestino; deste a Amazônia, quando o Brasil entra em guerra com o Eixo (Alemanha; Itália; Japão); do jovem nordestino que sonha, sem saber como realizar, em ir para São Paulo para viver melhor. Mas o filme mostra muito mais: a possibilidade de encontro de dois jovens de diferentes culturas que vão se entendendo em suas tantas diferenças. E nesse encontro – bifurcado e de entroncamentos – revela-se a arte (a possibilidade e a necessidade) de, no fazer cotidiano – comer, conversar, caminhar pelas caatingas, ouvir as notícias da guerra no rádio, ouvir músicas, transar, rezar, seduzir a mulher, dirigir o caminhão, sentir a traição, transitar em um ‘puteiro’, fazer contas, curar picada de cobra, ver cinema, ‘*compravender*’ aspirinas (roubá-las também) – para, com táticas diversas,

surgidas no instante (CERTEAU, 2014), ludibriar as forças das pequenas estruturas de poder para evitar deportação, migrar. Esses são movimentos e acontecimentos que se dão no inesperado e que potencializa os modos de existir.

Para pensar

A experiência do cineclube nos apresenta o cinema no domínio de uma multilinguagem que se produz na base da imagem-movimento, estando apto a “revelar ou a criar um máximo de imagens diversas, e, sobretudo, a compô-las entre si através da montagem. Há imagens-percepção, imagens-ação, imagens-afecção, e muitas outras”. (DELEUZE, 2008, p. 62). Estar coletivamente investigando as questões ordinárias tratadas no cinema é desvendar sensibilidades ocultas em imagens e sons criados nesta arte que produz o mundo, permitindo a criação de ‘*espaçotempos*’ que nos levam ao exercício de alteridade e do respeito ao outro.

O cineclube pode ser tratado como um dispositivo de sensibilização a partir da percepção do outro que supera a ideia reducionista do olhar para ampliar os sentidos que vão além do ‘*verouvirsentir*’ para evocar memórias de pele, memórias olfativas, memórias de sabores, memórias de outros sons e outras imagens. Com isto, ao conversarmos com os docentes e discentes que participam do projeto, abre-se a possibilidade de saber de experiências já vividas e da possibilidade de outras experiências, ainda virtuais.

Há ainda um outro aspecto a tratar e que, de certo modo, nos aproxima dos dois personagens do filme com que trabalhamos neste artigo: no cineclube o cinema toma outra proporção, já que os filmes são exibidos em ‘*espaçotempos*’ comuns: salas de aula, projetados a partir de outro suporte – o vídeo – e de artefatos mais ‘domésticos’ (o computador do grupo), sendo apresentados em outra superfície, no nosso caso, a parede da sala.

Dubois (2004) traz o vídeo como um dispositivo de questionamento na tensão imagem-arte, indicando o vídeo como “um estado do olhar: uma forma de pensar” Seguindo essa provocação, o vídeo, criado e usado em uma das redes educativas que estudamos permite, pela facilidade de ‘uso’ que se transporte para outros ‘*espaçotempos*’ de outras redes, aí produzindo outros ‘*conhecimentossignificações*’ que ajudam a pensar, criar currículos. Esse ‘uso’, mais democrático, deste artefato – e conhecido, hoje, por todos – favorece diferentes formas de ‘*práticaspensamentos*’ na criação de ‘*conhecimentossignificações*’ que importam nas tantas redes educativas que formamos e nas quais nos formamos, incluindo os processos curriculares que estamos pesquisando.

O Filme num suporte democraticamente estabelecido pelo vídeo e ‘guardado’ de tantas formas – em um pen drive; no YOUTUBE; o computador pessoal; acompanhado por um projetor simples e uma tela – lençol ou uma parede branca – nos coloca na condição de ‘*praticantespensantes*’ dos cotidianos curriculares, criando ‘*conhecimentossignificações*’. Isso ocorre num momento desafiador de crises políticas de toda ordem, o que nos leva a fazer ‘uso’ astuciosos de artefatos, criando outros modos de compreender e ‘*fazerpensar*’ a educação, em especial com esta situação de receber migrantes de tantos outros países e regiões, em momento tão cheio de preconceitos e dificuldades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Nilda. *Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente: o caso do cinema suas imagens e sons*. Financiamentos CNPq, FAPERJ e UERJ, 2012-2017. (Projeto de Pesquisa).
- _____. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. (Org.). *O Sentido da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 111 – 120.
- ANDRADE, Marcelo Gustavo de Souza. *Por uma filosofia da educação a partir do conceito de tolerância*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- BOBBIO, Norberto. *Elogio da serenidade e outros escritos morais*. São Paulo: Unesp, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CINEMA, ASPIRINAS E URUBUS. Direção: Marcelo Gomes. Brasil. 2005, cor. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=filme+aspirina&oq=filme++aspirina&aqs=chrome..69i57j0l3.8065j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 14 nov. 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Os personagens conceituais. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 81-109.
- DUBOIS, Philippe. *Cinema, Vídeo e Godard*. S. Paulo: COSFNAIFY. 2004. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/dubois-p-cinema-video-godard.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2017.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. Cenários para a geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In: ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA; Roberto Lobato (Org.). *Espaço e Cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.
- GONÇALVES, Marco Antônio. HEAD, Scott. Confabulações da Alteridade: imagens dos outros (e) de si mesmos. In: GONÇALVES, Marco Antônio. HEAD, Scott (Org.). *Devires Imagéticos, a etnografia, o outro e suas imagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Ed. 7 Letras, 2009.
- GUERÓN, Rodrigo. *Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamentos*. Rio de Janeiro: NAU Editoria, 2011.
- MILESI, Rosita e MARINUCCI, Roberto. Introdução. In: MILESI, Rosita (Org.). *Refugiados: realidades e perspectivas*. Brasília: CSEM/IMDH, Edições Loyola, 2003. (Séries Migrações, 8).
- MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). *Religião, migração e mobilidade humana*. Goiânia: PUC - Goiás, 2017.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e Pesquisas com os Cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensadospraticados’ pelos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). *Currículos, Pesquisas, Conhecimentos e Produção de Subjetividades*. Petrópolis: DP et Alli, 2012. p. 47-70.
- RUGE, Leonardo. FORERO, Ninibe. No final, tudo vai dar certo. In: *A presença do migrante no Rio de Janeiro: O olhar do imigrante e do refugiado*. Pastoral do Migrante e Coletiva Rede Migração Rio, 2017. p. 20-23
- VIRILIO, Paul. Préface. In: VIRILIO, Paul; DEPARDON, Raymond et all. *Terre natale: ailleurs commence ici*. Actes Sud. Paris: Fondation Cartier pour l’art contemporain, 2009. p. 7-8.

NOTAS EXPLICATIVAS

¹ As ‘conversas’, nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, na qual trabalhamos, são consideradas como o principal ‘lôcus’ de pesquisa.

² Este modo de escrever estes termos juntos, em itálico e entre aspas simples – tais como os termos ‘aprenderensinar’, ‘práctateoriaprática’, ‘praticantespensantes’, ‘discentesdocentes’, entre outros – é utilizado em pesquisas nos/dos/com os cotidianos e serve para nos indicar que, embora o modo dicotomizado de criar conhecimento na sociedade Moderna teve sua significação e importância na criação das ciências, na corrente de pesquisa em que trabalhamos tem significado limites.

³ Como vimos, pessoas migram por diversas razões e esse pode ser um movimento voluntário. Quando elas partem de suas casas ou país de forma obrigada, esses são denominados migrantes forçados e podem solicitar a situação de refugiados no país para onde migram.

⁴ Consiste na aversão a cultura estrangeira que pode causar perseguições, ataques ou até morte de imigrantes estrangeiros.

⁵ Fonte: CINEMA, ASPIRINAS E URUBUS. Direção: Marcelo Gomes. Brasil. 2005, cor. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=filme+aspirina&oq=filme++aspirina&aqs=chrome..69i57j0l3.8065j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

⁶ O projeto tem por título “Processos curriculares e movimentos migratórios: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas”, com a coordenação de Nilda Alves e financiamento CNPq, CAPES, FAPERJ e UERJ (2017-2022).

⁷ Os diversos membros do grupo de pesquisa, individualmente e coletivamente, desenvolvem inúmeras ações para o estudo da questão da migração e o modo com que se relaciona aos processos curriculares. Realizamos um vídeo – sob o título “Os muitos mundos das migrações e os currículos escolares - iniciando o projeto” - acerca inúmeras dessas ações de preparação do grupo de pesquisa que pode ser visualizado em: <<https://vimeo.com/218818085>>.